



Três dias de discussão
Não mudará o presente,
Mas mesmo a grande floresta
Antes de ser imponente,
Sentiu as dores do parto
D'uma primeira semente.

Vamos lutar para frente
Sem esquecer o passado,
Pois o sangue que tombou
Sobre esse solo sagrado,
Engravidou a esperança
Que tem nos alimentado.

Vamos lutar lado a lado
Pra conquistar cada dia,
Pra que a barriga do sonho
Possa parir sua cria
Com o choro da vitória
E o dom da Agroecologia.

Poema de Caio Menezes, improvisado para o I SNEA
Paulista/PE, 2013

PREFÁCIO

No Brasil e na América Latina existe um longo caminho de construção do enfoque agroecológico na produção e socialização do conhecimento para o desenvolvimento rural. Experiências foram iniciadas a partir dos primeiros sinais negativos da modernização conservadora da agricultura no Brasil e ganharam força no chamado Movimento de Agricultura Alternativa que iniciou uma crítica sistemática à Revolução Verde e fez uma reflexão profunda dos seus impactos ambientais, sociais e econômicos.

Estas experiências, que iniciaram na década de 1970, foram o embrião para a constituição de processos de ensino-aprendizagem dedicados a uma educação voltada para a sustentabilidade, e foram consolidadas através de ações pontuais de educadores ou estudantes, mas também através de ações coletivas que articulavam atividades, cursos, projetos e programas, voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão, na educação formal.

Destacamos as experiências que emergiram com a formação de grupos de estudantes e da ação de alguns educadores e pesquisadores articulados ao movimento estudantil ou ao movimento dos Engenheiros Agrônomos; as experiências que surgiram no âmbito da luta por uma educação do campo com o protagonismo dos movimentos sociais; as experiências das escolas familiares rurais e da educação contextualizada; as experiências vinculadas à formação profissional que valorizam e resgatam a cultura trazendo a dimensão étnica, social e ambiental; as experiências ancoradas em processos sociais locais e/ou territoriais, organizadas em redes de interconhecimento; as experiências que se relacionam com uma proposta de formação de profissionais para atender a demanda da produção orgânica que vem crescendo fortemente no Brasil e no mundo e foram criadas à partir da indução do Estado, com um forte conteúdo tecnológico; as experiências que estão organizadas na forma de disciplinas e de cursos de nível médio e superior em várias áreas das Ciências Agrárias (Agropecuária, Agricultura etc.) com ênfase ou habilitação em Agroecologia, ou áreas afins; as experiências de cursos de Agroecologia de nível médio e superior, propriamente ditos e; finalmente, as experiências de pós-graduação em Agroecologia.





Muitas destas experiências perceberam a Agroecologia como um campo de conhecimentos orientador de uma educação contextualizada, sistêmica e interdisciplinar, e vêm propondo iniciativas educativas com formatos e conteúdos curriculares que rompem com a educação e a atividade produtiva convencional.

Mas é preciso avançar para internalizar o paradigma agroecológico nestes campos. A ABA-Agroecologia vem há algum tempo participando e promovendo processos de discussão sobre a Construção do Conhecimento Agroecológico, nos quais tem ocupado cada vez mais espaço o tema da Educação Formal. Em parceria com a Articulação Nacional de Agroecologia, vem discutindo o tema desde 2005, sempre pautando a necessidade de se repensar os enfoques teórico-metodológicos de construção do conhecimento agroecológico, na pesquisa, no ensino e na extensão.

Ao mesmo tempo a ABA-Agroecologia vem procurando contribuir para a formulação de políticas públicas neste campo através da participação nos dois Fóruns Nacionais de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção realizados nos anos de 2007 e 2009, organizados pela Comissão Interministerial de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção. A ABA também participava da Subcomissão sobre Construção do Conhecimento da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), influenciando de forma significativa na proposição de políticas públicas neste campo.

Em 2011, durante o VII Congresso Brasileiro de Agroecologia realizado em Fortaleza, foi organizado o Seminário “Educação Formal em Agroecologia” que apontou a necessidade de se estabelecer um contato mais próximo entre as experiências. Neste evento se consolidou o Grupo de Trabalho Educação em Agroecologia da associação, formado por filiados oriundos de todas as regiões brasileiras.

O Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) foi a instituição que se propôs a realizar o I SNEA, em parceria com a ABA-Agroecologia. O Núcleo reúne vários professores e estudantes e tem longa experiência com Agroecologia, através da realização de ações e projetos de ensino, pesquisa e extensão.

O I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia foi realizado para promover uma reflexão e propor princípios e diretrizes para a Educação em Agroecologia no Brasil, à partir do aprendizado mútuo e a identificação e ressignificação dos referenciais que orientam experiências concretas de Educação Formal em Agroecologia.

Partia-se do princípio que essas experiências possuíam diferentes níveis de percepção sobre o papel da Agroecologia e sobre o significado da sustentabilidade na produção e sua relação com a agricultura familiar e que os princípios e as diretrizes para a educação deveriam ser construídos à partir da socialização destas percepções e da construção das experiências educativas na sua prática cotidiana. Ao mesmo tempo, com o evento, esperava-se dar visibilidade as diversas iniciativas educativas com enfoque agroecológico, assim como propiciar a aproximação e troca entre as experiências existentes. O I SNEA foi realizado em Paulista, município localizado na região metropolitana de Recife/PE, no período de 03 a 05 de julho de 2013.

Este número da revista Cadernos de Agroecologia foi dedicado a apresentar parte dos resultados do I SNEA. Aqui apresentamos um artigo sobre a proposta do Seminário, todos os artigos selecionados e debatidos durante o evento com reflexões sobre experiências concretas de Educação Formal em Agroecologia, além de artigos de educadores que foram convidados para nos ajudar a refletir sobre as experiências à partir de uma síntese sobre os princípios e as diretrizes das experiências. Também apresentamos neste número a Carta do evento – Carta de Maria Farinha, uma moção sobre a Agência Nacional de Ater - Anater, a lista de participantes e uma síntese dos debates.

Chamamos a atenção para o documento Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia que apresenta uma síntese das diversas contribuições das experiências discutidas durante os Grupos de Trabalho acontecidos durante o evento. A síntese foi organizada por um pequeno grupo da coordenação do evento que procurou manter a coerência com a “matéria prima” vinda dos Grupos de Trabalho. Foi organizada em quatro eixos integradores e correlacionados entre si, a saber: Princípio da Vida, Princípio da Diversidade, Princípio da Complexidade e Princípio da Transformação. Assim, nos ocorre a seguinte





pergunta problematizadora: em que medida nossas experiências de educação em agroecologia estão colocando em prática estes princípios e diretrizes?

Como poderemos perceber, foi um momento de muita reflexão e compartilhamento. As experiências presentes de todo o país representam um mosaico diverso do que entendemos por Educação em Agroecologia no Brasil. Temos aqui um rico material a ser consultado pelas experiências e demais interessados sobre os avanços, os desafios e os caminhos a serem seguidos pela Educação Formal em Agroecologia.

Ao divulgar este material a ABA-Agroecologia e o NAC/UFRPE pretendem demonstrar, mais uma vez, seu compromisso com o debate e a construção coletiva e participativa sobre Educação em Agroecologia no Brasil, ressaltando a grande diversidade de experiências existentes no país e as diferentes visões que podem ser percebidas em torno ao tema. Também demonstram seu compromisso com uma educação de qualidade e comprometida com as transformações sociais e com a sustentabilidade em todas as suas dimensões.

Boa leitura, boas reflexões e até o próximo Seminário!!!!

Maria Virginia de Almeida Aguiar
Comissão Organizadora do I SNEA
Grupo de Trabalho de Educação em Agroecologia
ABA-Agroecologia

